



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

ADRIANA GALDINO SANTOS

**DESENHOS NA PELE – CICATRIZES E MEMÓRIAS DA EXPERIÊNCIA VIVIDA:
possibilidades reflexivas para o Ensino de Arte**

MACAPÁ-AP

2023

ADRIANA GALDINO SANTOS

**DESENHOS NA PELE – CICATRIZES E MEMÓRIAS DA EXPERIÊNCIA VIVIDA:
possibilidades reflexivas para o Ensino de Arte**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, componente curricular Pesquisa em Arte IV, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Licenciatura em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Simon G. Araújo

MACAPÁ-AP
2023
ADRIANA GALDINO SANTOS

**DESENHOS NA PELE – CICATRIZES E MEMÓRIAS DA EXPERIÊNCIA VIVIDA:
possibilidades reflexivas para o Ensino de Arte**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, componente curricular Pesquisa em Arte IV, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Licenciatura em Artes Visuais.

Data da aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Pedro Simon Gonçalves Araújo (UNIFAP)

Prof.^a Dr.^a Silvia Carla Marques (UNIFAP)

Prof.^a Ma. Cristiane Machado (UFPA)

Dedico este trabalho à minha querida avó, Sra. Zuleide de Oliveira, também carinhosamente conhecida como Dona Zula, que dedicou a vida às filhas e, nós, os netos, foi a chefe de nossa família e deixou muita saudade.

AGRADECIMENTOS

Agradecer pode parecer uma tarefa fácil, no entanto, caso você seja uma pessoa agraciada por muitas mãos e almas o desafio fica claro na tentativa de ser justa e não deixar ninguém de fora, situação qual me encaixo!

Agradeço a Deus e honro o universo pelas tramas positivas, mesmo quando a primeira impressão me parecia contrária!

Agradeço a minha família que tanto inspira este trabalho por ângulos inimagináveis. Minha mãe e meu pai por mais esta oportunidade e todas mais. Daniel e Amanda com quem sempre formarei meu trio favorito. Jorge e Júnior pela chance de estar aqui... vocês sabem! Meus sobrinhos amados pelo brilho nos meus olhos.

Alfeu pela disponibilidade e suporte imprescindível.

Como não agradecer as "meninas"?! Simone e Cristina, aquele café num dia aleatório me trouxe de volta até aqui e ainda me levou em outros lugares e conquistas. Gratidão por toda esta trajetória de muito incentivo e apoio. E claro, conversas "*hiláricas*"!

Ela provavelmente não curtirá esta parte, o que não irá me impedir, felizmente! Eduarda, sou grata imensamente por este reencontro, pela partilha, pelo ser de luz que você tem sido na minha vida. E por me emprestar um olhar mais suave ao que me rodeia.

À Professora Fátima Garcia por me proporcionar a primeira experiência de afeto no ensino superior. Não esquecerei onde estiver.

Ao meu orientador, Professor Pedro Simon, pela sensibilidade que pretendo exercitar quando estiver nessa posição. Sobretudo pelo acolhimento e os olhos gentis num ambiente tantas vezes hostil.

Pessoas que não sei o nome, mas me agraciaram com seus sorrisos sinceros, uma palavra reconfortante e mudaram o rumo do meu dia. O rapaz do aplicativo de corridas que me levou e não deixou que eu perdesse uma prova importante! Um dia te acho e pago um café enquanto conversamos sobre atos heroicos.

O que mais dizer? Esta jornada me enche o coração de muita gratidão e uns tantos outros sentimentos positivos.

Gratidão tatuada no músculo que pulsa involuntariamente.

Vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. (ASSIS, 2019, p.15).

RESUMO

A monografia propõe estabelecer pontes entre temas relevantes ao se pensar um Ensino de Artes que dialoga com singularidades em teias conectadas: corpo, memória e lugar. O trabalho parte do meu fascínio antigo pelo corpo humano, que, atrelado ao estudo de Licenciatura em Artes Visuais (Universidade Federal do Amapá), encontra na visualidade corporal materializada na cicatriz a alternativa de, por meio de relatos, expandir ao intangível inerente à memória. Questionamento norteador: Que referências vividas, memórias registradas na pele, cicatrizes que desvelam trajetos, percursos, imagens interseccionam e localizam o ser humano, o gosto, a existência? Assinalo como objetivo geral o empenho em compreender as potencialidades em obter/fomentar respostas, sondagens e sobretudo o florescimento de tais elementos em práticas pedagógicas. Como metodologia aproprio-me da narrativa (auto)biográfica pelas histórias de vida. Através de relatos o estudo indica a potência das vivências individuais e/ou coletivas em pesquisas acadêmicas e na prática docente, assim como no desenvolvimento do indivíduo sensível. Como dispositivos de estudo estiveram presentes: análise bibliográfica, relatos de vida, entrevista narrativa, interpretação de dados, expressão por desenho, em ordem flexibilizada. O lugar de referência para o texto é o Estado do Amapá, capital e interior, convertido na elaboração de conceitos sociais como afetividade e pertencimento. Da pesquisa reverbera a perspectiva de estimular e apreender fascinante o ensino de arte aliado a rumos maleáveis, à constatação do mérito no intercâmbio de percepções, à abertura às singularidades, poética que amplia seu fazer ultrapassando o tecnicismo pedagógico e a priorização de cânones.

Palavras-chave: Corpo; Memória; Lugar; Ensino de Artes.

ABSTRACT

The monography proposes to establish bridges between relevant themes when thinking about teaching art that dialogues with singularities in connected webs: body, memory and place. The work comes from my old fascination with the human body, which, linked to the study of the Degree in Visual Arts (Federal University of Amapá), finds in the bodily visibility materialized in the scar the alternative of, through reports, expanding to the intangible inherent in memory. Guiding question: What lived references, memories recorded on the skin, scars that reveal paths, images intersect and locate the human being, taste, existence? I point out as a general objective the effort to understand the potential for obtaining/fostering responses, surveys and, above all, the flourishing of such elements in pedagogical practices. As a methodology, I appropriate the autobiographical narrative through life stories. Through reports the study indicates the power of individual and/or collective experiences in academic research and teaching practice, as well as in the development of the sensitive individual. As study devices were present: bibliographical analysis, life stories, narrative interview, data interpretation, expression by drawing, in flexible order. The place of reference for the text is the State of Amapá, capital and countryside, converted into the elaboration of social concepts such as affectivity and belonging. From the research reverberates the perspective of stimulating and apprehending fascinating art teaching allied to malleable directions, to the verification of merit in the exchange of perceptions, to the openness to singularities, poetics that expand its work, surpassing the pedagogical technicality and the prioritization of canons.

Keywords: Body; Memory; Place; Art Teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desenho guardado por minha mãe. Macapá 13

Figura 2 – Adriana e Daniel, Rio de Janeiro, 199114

Figura 3 – Eu e Prof.^a Solange, Macapá, 2001; Eu, Prof.^a Solange e minha irmã Amanda, Mercado Central, Macapá, 202316

Figura 4 – Praça da Bandeira, Rio de Janeiro, 1989; Trapiche Eliezer Levy, Macapá, 199519

Figura 5 – Fotocópia do desenho inspirado no Livro20

Figura 6 – Quadro de vocabulário22

Figura 7 – Mapa corporal, Macapá, 202328

Figura 8 – Cicatriz 7, Macapá, 202334

Figura 9 – Ventilador Azul, Macapá, 202335

Figura 10 – Blusa Siena, Macapá, 202337

Figura 11 – Cicatriz 3 e 4, Macapá, 202338

Figura 12 – Cicatriz 9, Macapá, 202340

Figura 13 – Cartão manual guardado por minha mãe. Macapá, 199640

Figura 14 – Cicatriz 5, Macapá, 2023 42

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO10

2 O MAIS PROFUNDO É A PELE12

3 A ALMA ENRUGA ANTES DA PELE19

4 CAMINHO METODOLÓGICO24

4.1 Encontro primeiro26

4.2 Encontro segundo27

4.3 Encontro terceiro29

4.4 Encontro quarto29

4.5 Encontro quinto30

4.6 Encontro sexto30

5 DUAS PROFESSORAS, DUAS ALUNAS33

5.1 Memória33

5.2 Corpo36

5.3 Lugar39

CONSIDERAÇÕES FINAIS44

REFERÊNCIAS46

1 INTRODUÇÃO

Impulsionada a construir trabalho acadêmico em Artes Visuais, na dimensão do Ensino de Artes, direcionado a abordar aspectos pertinentes ao **corpo** associado à **memória** e **lugar**, por meio de histórias de vida e (auto)biografia, enquanto abordagem metodológica, encontro na pesquisa qualitativa indicativo promissor na análise e aprofundamento da percepção do indivíduo – compreendido num ângulo contextualizado – apreendida pela subjetividade, tal que: “No fluxo das vivências, o enlaçado nesse ato solicita outros atos cognitivos, articuladores e de comunicação a serem efetuados pela consciência, avançando com o processo de constituição e de produção do conhecimento” (BICUDO, 2011, p. 32).

Início a pesquisa com um questionamento norteador e propositivo em vista: Que referências vividas, memórias registradas na pele, cicatrizes que desvelam trajetos, percursos, imagens interseccionam e localizam o ser humano, o gosto, a existência? Assinalo como objetivo geral o empenho em compreender as potencialidades em obter/fomentar respostas, sondagens e sobretudo o florescimento de tais elementos em práticas pedagógicas. Desdobrado pelos objetivos específicos apontados como pontos-chave: buscar suporte nos estudos da cultura visual no que tange a possibilidade de trabalhar com visualidades além das privilegiadas dentro de um discurso hegemônico ocidental; investigar as práticas cotidianas dos sujeitos visando elaborar práticas pedagógicas mais relacionais; associar imagens que remetem a memória de formação com imagens criadas como objetos de rememoração, num transitar circular, entre minha própria história de vida com foco nas categorias já mencionadas, sob o impacto e afetação diante as contribuições da colaboradora, permeadas pela assimilação e em concordância do que afirma o ambientalista e escritor Ailton Krenak (2020) de que “a memória tem a capacidade de te pôr de pé diante das afrontas de maneira crítica. A memória é a consciência crítica”, costurados por teias de promessas assentadas no Ensino de Artes reativo.

Ainda sobre a subjetividade conectada ao perfil sensível da investigação e narrativa de si como condutor potente em processo de pesquisa, vejo em Araújo (2022, p. 65) suporte ao apontar “atos de biografar como componentes de investigação cuja dinâmica coloca em perspectiva contextos sociais que focam

embates culturais em ambiente familiar, educacional e de trabalho”. Dessa forma, esboço um caminhar por lembranças que culminam na compreensão de corpo, memória e lugar entendida pelo afeto.

Consciente do instrumento orgânico de estudo contemplar *indivíduos* projetei determinadas estratégias de investigação como a utilização de dispositivos de memória tais quais fotografias, desenhos e escritos antigos; em vias de entrar em contato com o mundo real procurei compreender e contextualizar por três rotas: o vivido no passado, o vivido no presente, o vivido/experimentado a partir das entrevistas/relatos. Mais à frente foi possível encaminhar um processo para confecção de dispositivos de rememoração com os desenhos da colaboradora. A expressão artística como catalisadora sensível de impressões viabilizou também a emersão do corpo, lugar de memória, em abrangências conectivas como o fator feminino, ideia de pertencimento, autoconhecimento, e evidentemente, processos de educação, como pelo viés dos estudos da cultura visual.

Ao trilhar os caminhos desta pesquisa estabeleci quatro estações. Em **O mais profundo é a pele**¹ inicio meus relatos de vida que levariam ao objeto da minha pesquisa. Partindo da infância [*memória*] já assinalo que os saberes se dão ao decorrer da vida do indivíduo e sigo no intuito de reafirmá-los válidos e pertinentes ao ensino em sala de aula. **A alma enruga antes da pele**² traz inquietações pessoais [*lugar*] que miram em exequíveis soluções costuradas em ajuntamentos coletivos e colaborativos. **Caminho Metodológico** dispõe mais especificamente de aportes teóricos condutores, estratégias para coleta de dados, interações com a colaboradora, acertos e impasses. Já em **Dois Professoras, Duas Alunas** o enlace entre os relatos sobre as cicatrizes [*corpo e desenho*] da colaboradora com minhas acepções de vida e formação em Artes Visuais evidencia o caráter pulsante de convidar às pesquisas e aos estudos esse lugar dado pelas experiências no cotidiano.

¹ Do filósofo, escritor e poeta Paul Valéry.

² Do desenhista, escritor e poeta Millôr Fernandes.

2 O MAIS PROFUNDO É A PELE

Lembro desde muito cedo na vida, nas primeiras recordações da infância, de um fascínio específico que se estenderia ao passar das décadas: o corpo humano. O primeiro momento foi construído através da apreciação estética em termos bastante despretensiosos, o corpo em sua composição entre membros, elementos do rosto e a incrível capacidade de andar em duas pernas. Tal criação era extremamente admirável aos meus olhos. Não demorou muito e tão logo esse fascínio começou a ser expressado nos meus desenhos.

Sabemos que a expressão dada por meio de desenho na educação infantil é amplamente difundida, o que considero potencialmente válido. A respeito dessa prática, Fernanda Hanauer evidencia algumas de suas faculdades, conforme diz o trecho:

Linguagem da arte, o desenho pode ser considerado uma produção criadora, que envolve uma gama de sentimentos e pensamentos, reunindo elementos da experiência para formar novos saberes. Assim, a arte constitui conhecimento, envolve o pensamento, o sentimento e a formação intelectual. Por isso, o desenho direciona-se à arte. (2013, p. 76).

O desenho, incentivado e desenvolvido (aqui trato em especial a prática assumida em perfil expressivo), pode avançar desta fase tão típica na infância e permanecer significativo por todo percurso impermanente do indivíduo. Aponto tal afirmativa ao refletir sobre minha própria trajetória e perceber os delineados do desenho na minha noção de identidade, processo oportunizado e realçado na formação acadêmica, o que leva manifestar “a necessidade de no Ensino de Artes validar o desenho como arte final, como um processo expressivo, dissociando-o de um atalho para compreensão de outras matérias, mas sim sendo capaz de possibilitar **experiências do mundo**” (CARVALHO, 2015, p. 19, grifo nosso).

Estes primeiros passos dados como indivíduo, num universo coletivo, eram especialmente queridos por mim tanto no ambiente escolar, quanto na minha vida familiar. No ambiente escolar a feitura dos ‘trabalhinhos’ abria espaço para o desenvolvimento de habilidades e dedicação, ao passo que nessa época levava muito a sério meu papel de aluna e me esforçava por produzir sempre com muito

esmero. Além desse momento na sala de aula, as atividades mais à frente se tornaram objetos de memória, já que era um hábito da minha mãe conversar sobre nosso dia de aula (tenho uma irmã e três irmãos) e também “coleccionar” nossas produções (figura 1).



Figura 1. Desenho guardado por minha mãe. Macapá. Fonte: Acervo familiar.

Rosvita Kolb Bernardes no desenvolvimento da disciplina *Ateliê*, na formação de professores de arte, atentou-se à potencialidade da reflexividade biográfica por trajetórias de vida e imersão de memórias, em propostas que colocam o indivíduo em papel nuclear do processo, ao mesmo tempo viabiliza atribuir sentido às experiências vividas, indico aqui o conceito para Larrosa Bondía em que “o acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna” (2002, p. 27).

A autora ainda compartilha, da sua pesquisa, aspectos que permeiam o perfil de estudantes de artes, clareando o trajeto deste tipo de formação:

os estudantes de artes têm formas muito singulares de narrar, de falar de si, marcadas pelos diferentes modos de fazer. Tal percepção provocou um repensar do meu caminho na docência, no campo da formação de professores dentro das artes visuais, reforçando os indícios de que era essencial criar espaços-tempos de formação universitária que fossem centrados na pessoa, compreendendo e acolhendo as dimensões subjetivas do fazer-se professor de arte. Precisava olhar e escutar com atenção para apoiar os modos de dizer dos estudantes, considerando as dimensões criativas, artesanais, narrativas que engendram a formação – no que têm de invenção e reinvenção de si. (2018, p. 256)

Mediada pelos aprendizados no decurso da minha formação docente consigo me colocar neste lugar de aluna descrito pela autora, da mesma forma que percebo nas nuances de minhas memórias dados enriquecedores à minha prática na docência, seja nas experiências no período do estágio, seja no contexto de preparação para o que vem adiante.

Retomando minhas recordações da infância sob apreensões mais traquejadas, infiro que essa conversa entre dois universos diferentes (familiar e escolar), entretanto, conciliáveis, denuncia o caráter versátil de um projeto de educação de mão dupla, que dispõe de seus recursos e está também apta a receber. Refletir sobre essas entrelinhas é partir na busca de um ensino e formação que se distancie do que se tornou habitual, conforme descreve Martins:

As disciplinas dos cursos de arte, de maneira geral, e de modo mais específico dos cursos de licenciatura, revelam pouca sintonia com os cotidianos dos alunos que são diversificados, múltiplos, que se entrecruzam, se encontram, se confrontam e conseqüentemente não são previsíveis (2016, p. 12).

Ao nos afastarmos desse cenário, construímos aos poucos um ensino mais conectado com as vivências do aluno dadas pelo próprio cotidiano, por elementos familiares, reconhecíveis, tal que “Aprender e ensinar a partir da perspectiva qualitativa, pressupõe indagar e discutir sobre os tipos de investimentos afetivos que são feitos, desprendidos entre e com os alunos nos ambientes educacionais e especialmente em salas de aula” (MARTINS, 2016, p. 24).



Figura 2. Adriana e Daniel, Rio de Janeiro, 1991. Fonte: Acervo familiar.

Ainda sobre o ambiente familiar e retomando meu fascínio desse primeiro momento, posso, indubitavelmente, atribuir ao meu irmão mais velho (figura 2) o apreço e escolha por essa linguagem de expressão. Daniel era um desenhista amador empolgado, juntos fazíamos reproduções de personagens do universo da animação. Separados, comungávamos de uma limitação oposta: ele tinha muita dificuldade em desenhar corpos masculinos e eu corpos femininos, curiosamente.

O segundo momento a respeito do meu fascínio foi estabelecido a partir de um episódio o qual não protagonizei, mas assisti de perto (aqui a referência não se faz especificamente ao espaço, mas algumas das relações envolvidas), ainda na minha cidade natal, Rio de Janeiro. Daniel gostava muito de andar de patins e num dia, em frente à casa da minha vó materna, em meio a brincadeiras, teve um acidente e fraturou o braço direito. Minha memória do episódio em si tem poucas imagens e escassa nitidez, no entanto, o registro dos dias que vieram depois é o que motiva tal relato. Como tratava-se de fratura houve necessidade de realizar cirurgia. No local onde a cirurgia foi feita nove pontos foram dados. Durante o tempo de recuperação um novo dado tão característico foi adicionado com especial requinte: a incrível capacidade do corpo humano de se regenerar. Aqueles nove pontos deram lugar a um braço direito recuperado e uma cicatriz de aproximadamente seis centímetros.

Como eu era muito nova, tinha por volta de cinco anos, as lembranças do episódio na minha mente não ficaram atreladas às facetas possivelmente dramáticas, o medo após um trauma físico, as dores da recuperação, o desconforto da internação no hospital, a adaptação no uso do braço esquerdo, sendo uma pessoa destra, são alguns exemplos imagináveis. E nesse exercício de relembrar para além do alcance individual, conversei com Daniel, hoje com 44 anos. A lembrança de menino tem auge no desconforto do gesso imobilizador e na impressão visual que associava as linhas dos pontos à pequenas pernas de aranha (característica criativa e imaginativa de criança). E já na vida adulta se alguém percebe, comenta ou pergunta, Daniel me diz sem hesitação: “eu conto a história!”.

Provavelmente, a pele, sendo o maior órgão do corpo humano, foi a minha descoberta mais imediata sobre o processo de recuperação. Aos 35 anos de idade, considerando as oportunidades de ensino formal (tive o privilégio de ter uma excelente professora de Ciências (figura 3) no Ensino Fundamental – lembro de ter estudado o corpo humano na antiga sétima série - numa acolhedora escola pública

de bairro), somadas às possibilidades de acessar materiais informativos diversos, tais como documentários, revistas, jornais, dentre outros, é razoável entender minha compreensão atual intermediada por estes fatores. Da mesma forma, encontro justificativa no meu interesse pelo corpo aliado ao meu estudo no curso de Licenciatura em Artes Visuais.



Figura 3. À esquerda, eu e Prof.^a Solange, Macapá, 2001. À direita, eu, Prof.^a Solange e minha irmã Amanda, Mercado Central, Macapá, 2023. Fonte: Acervo familiar.

Nesse percurso por vezes precisei encarar certas limitações impostas/construídas em relação ao meu próprio corpo. Minhas afinidades e interesses prévios com desenho, pintura e a história da arte me permitiam um lugar mais confortável em componentes curriculares como: Oficina Artística, História da Arte, História da Arte Contemporânea, Teoria da Arte, História da Arte Brasileira. Entretanto, em disciplinas que convidavam o corpo a participar de forma mais dinâmica, um sinal de alerta em mim era acionado. Diferente de alguns colegas advindos do teatro – ou simplesmente mais dispostos – que passeavam com mais desenvoltura e segurança por exercícios corporais e/ou performáticos, o caminho para mim era recuar, havia uma declarada resistência.

De qualquer forma, é correto afirmar que não me sentia compelida a participar de tais momentos, minha percepção traduzia como um desafio, e desafios são mais bem-vindos. Ao cursar o componente curricular Expressões em Linguagens Visuais, em um trabalho de grupo, foi proposto que fizéssemos uma videoperformance. Pelo meu histórico a primeira reação seria me dispor a colaborar em algo relacionado aos bastidores, o que, curiosamente, não aconteceu. Particpei

do ato trajando roupas muito diferentes das que costumava usar, e sobretudo, com um despojamento corporal nada habitual. Esse *experimentar* e *permitir* no ensino e exercício artístico me apresentava, naquele momento, uma nova face em mim mesma, que aqui analiso análogo ao exercício da pesquisa biográfica qual:

caça por detalhes significativos visando decifrar vozes ocultas, buscando dialogar consigo mesmo por meio de conversas simbólicas que delineiam experiências de sentimento, confrontos e mudanças de opinião que nos convertem em seres estranhos a nós mesmos. (MARTINS, 2018, p. 52).

A minha experiência como acadêmica na formação de professores de arte me dá a possibilidade de enxergar a importância do corpo nas práticas pedagógicas ao compreender que “O corpo enquanto produtor, ator e autor de gestos, movimentos e narrativas visuais e não visuais, se reveste de concepções estéticas e aprendizados, podendo manter ou romper as amarras que o instituem e situam nos espaços da arte” (ARAÚJO, 2022, p. 104), de forma que suprimir este tipo de prática, subtrai demasiadamente de propostas docentes que miram em conexões potentes, construções de saberes bem alicerçados e significativos.

educar o corpo é proporcionar a expansão de seus protagonismos num universo convencional marcado por privações do pensar, do falar, do sentir e do agir em espaços e tempos que necessitam renovações constantes. Nesta perspectiva, sensibilidade, afeto e reflexão são forças que instituem ao mesmo tempo em que mobilizam as políticas estéticas. As dimensões do humano e do afetivo são fundamentais para pensar as ações e sentidos do corpo na educação (ARAÚJO, 2022. p. 105)

Ademais, sobre desenho, percepção e visualidades, o corpo humano e a arte possuem uma conexão já antiga, bem conhecida com Leonardo da Vinci e de propostas mais recentes em que “universidades estão usando algumas obras-primas para ajudar os estudantes a compreender melhor a anatomia humana, a reconhecer sintomas e a desenvolver qualidades importantíssimas para um bom médico – a capacidade de observação” (RODRIGUES, 2010). E a observação para mim, enquanto iminente professora de Arte, é preciosa.

De volta ao meu interesse primário pelo corpo e seus encantamentos, aquela “*descoberta mais imediata sobre o processo de recuperação*”, anteriormente narrada, não associa aos estudos formalizados, ela antecede o desenvolvimento aprimorado da leitura – e entendimento – de palavras escritas em uma dada Língua, a Portuguesa no nosso caso, e se relaciona intimamente com a observação, ou seja:

A experiência visual pode ser caracterizada como um processo dinâmico e gradual, em contínua transformação, permeando e sestituindo nas teias das culturas e, em consequência, torna-se muito mais abrangente que qualquer ato cotidiano de ver (MARTINS, 2016, p. 15).

Essa observação infantil, ainda sem intencionalidade, me conduz à apreensão, na universidade, do estudo da cultura visual, ao passo que investe na interpretação e investigação de informações não literalizadas, possibilitando inteligíveis discursos, linguagens múltiplas, também afasta a recorrente posição do aluno enquanto mero receptor e o aproxima de papel mais ativo, e presumivelmente crítico. Na docência em Artes depreendo que: “Imagens, visualidades, narrativas e artefatos visuais configuram cenários pedagógicos e poéticos do cotidiano à nossa volta abrindo um leque de possibilidades metodológicas” (ARAÚJO, 2022, p. 66).

Dessa forma, o processo de autopercepção e reconhecimento de minhas construções visuais me aproxima e me encaminha na direção de um preparo docente mais sensível às singularidades.

Aos 5/6 anos eu certamente não conhecia as informações que os estudos da Biologia/Anatomia atribuem ao funcionamento da pele, eu simplesmente observava. Quando alguém se machucava ficava visível a lesão na pele. Com o passar do tempo, em maior ou menor período, uma camada mais firme cobria a região afetada, posteriormente cedia lugar a uma vermelhidão, e, em alguns casos a pele ficava como “nova”, em outros permanecia uma marca, uma cicatriz: um registro visual e/ou tátil de uma vivência, propriedade que anos mais tarde se converteria na parte mais visceral do meu encantamento. Ao falarmos de uma experiência vivida, falamos também de memória, falamos de historicidade, afinal “uma narrativa não é o tempo do acontecimento, mas o recontar da memória sobre o acontecimento. É o tempo numa recomposição” (SOUZA; OLIVEIRA, 2016, p. 194).

E justamente a pesquisa autobiográfica, como se encaixa a presente, suscita em si o compromisso de buscar pela narrativa e os demais – plurais – mecanismos e artefatos, fatores múltiplos carregados de vivências, saberes e sentidos que fluem em direção aos aprendizados e às práticas.

3 A ALMA ENRUGA ANTES DA PELE

Minha história de vida se divide em dois lugares principais como cenários de vivências, experiências e relações: Rio de Janeiro-RJ e Macapá-AP (figura 4). Nasci em 1987 no bairro da Tijuca, zona norte do Rio, numa tarde de quarta-feira, na primavera. Durante sete anos vivi aquele lugar que sempre marcou minhas lembranças pelas montanhas, praias, ambulâncias, muitas sirenes, noites iluminadas, casa de vó. A partir dessa idade vim com meus pais para Macapá, onde fiquei até meus 26 anos. A impressão inicial se deu no choque pelo contraste visual da paisagem que em nada lembrava as imagens que meus olhos estavam acostumados a identificar.



Figura 4. À esquerda, Praça da Bandeira, Rio de Janeiro, 1989. À direita, Trapiche Eliezer Levy, Macapá, 1995. Fonte: Acervo familiar.

Apesar de viver a maior parte da vida em Macapá, conhecer os costumes, partilhar das histórias, me inserir em grupos, estudar (escola, cursos, universidade), a sensação de permanecer forasteira persistia. Então, já adulta, retornei ao Rio de Janeiro. Os anos passaram e por problemas emocionais fui estimulada a voltar, não por acaso, para o Norte. Traçar um caminho puxado pela memória é admiti-la “componente essencial na característica do(a) narrador(a) com que o pesquisador trabalha para poder (re)construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na

compreensão de determinado objeto de estudo” (ABRAHÃO, 2003, p. 80). Ao retornar à minha velha conhecida Macapá, os encontros com velhos amigos, minha irmã e meus dois sobrinhos me proporcionaram o conforto do aconchego daqueles a quem direciono meu bem querer. Por outro lado, pairava sobre todas as minhas interações o eco incômodo e pesado de uma experiência de abalo emocional ainda tão recente. Minhas observações quando criança sobre recuperação não podiam, nesse momento, me ajudar a enxergar uma maneira tão excepcional de cicatrizar feridas como a pele faz, afinal não se tratava dessa dimensão. O que me faz lembrar de um trecho do meu livro favorito na infância (figura 5), *O Menino do Dedo Verde*, de Maurice Druon, que diz: “Aprendi, respondeu Tistu, que a medicina não pode quase nada contra um coração muito triste. Aprendi que para a gente sarar é preciso ter vontade de viver. Doutor, será que não existem pílulas de esperança?” (2020, p.72). Longe de debater sobre os estudos e abordagens médicas frente a transtornos psiquiátricos, porém, perto da sensação de uma aflição da qual não se pode desvencilhar.



Figura 5. Fotocópia do desenho inspirado no Livro. Fonte: Acervo pessoal.

Nesse meio tempo tive um encontro que me atravessaria e motivaria grande parte do que hoje escrevo. Conheci uma mulher, artista, professora de Arte, negra, amapaense, na faixa etária entre 30-34 anos, amante dos animais e da natureza, de forte ligação com as águas, e que a seu pedido, chamarei de *Guilhermina* (numa

preferência expressa da colaboradora de não ter a identidade revelada). Em uma de nossas conversas perguntei sobre uma cicatriz aparente (um velho hábito fruto do meu fascínio pelo corpo humano), indicando que gostaria de ouvir a história desde que não houvesse desconforto à falante. Logo aquele *narrar* despertou em minha consciência aspectos que transbordavam a literalidade e seguiam ao encontro das subjetividades silenciadas no meu próprio discernimento sobre minhas cicatrizes não marcadas na pele, memórias sombreadas, minhas construções imagéticas, enfim, minha história de vida.

Essa parte intangível da cicatriz dada pela memória compartilhada por outra pessoa me permitiu mudar de ângulo sobre minhas próprias memórias. Que me remete a ideia das visualidades do cotidiano como “registros visuais que dizem sobre o mundo, sobre lugares, sobre pessoas, seus desejos e realidades descrevendo ações e acontecimentos, contando sobre a existência, sobre o ‘outro’ e sobre nós mesmos” (MARTINS, 2016, p. 18).

Conectar a marca visual na pele com os relatos me permitia criar outras visualidades que inicialmente flutuavam seguindo os pontos descritos (como “rio”, “bairro”, “casa”, “rua”, etc.) pela falante – a partir de meu próprio repertório – e posteriormente me encaminhou para minhas próprias lembranças: “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora à nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual” (BOSI apud ABRAHÃO, 2003, p. 87), revisitando episódios, sensações do que me aliava em primeira instância: a ideia de lugar.

Carioca por nascimento, minha vinda para Macapá na infância de certa forma perpetuou e me atingiu na maturidade, no estranhamento sobre minha identificação afetiva à dimensão de lugar, sobre a qual, entendo melhor minha condição no sentido dado pelo que apresenta Dutra et al. (2023, p. 113), ao apontar que “a investigação encontrou evidências de que um sentimento de pertencimento salutar em relação ao lugar é uma imprescindível causa de proporcionar uma vida mais significativa”.

Ainda hoje quando falo, algumas pessoas percebem um sotaque diferente (atribuo mais à convivência com minha mãe do que ao local de origem). Porém, quando eu era criança, ouvir imitações sublinhadas da minha forma de pronunciar as palavras, ou mesmo o tom de gracejo a respeito do uso de palavras distintas (figura 6), me colocavam numa espécie de “sem-lugar”. Esse tipo de memória talvez tenha

em si um caminho que revele o distanciamento percebido, até então, de maneira turva, no sentido de que “relações sociais não agradáveis podem criar um sentimento de não pertencimento a determinado ambiente natural, dependendo das aflições vivenciadas por uma pessoa neste local” (BENNET apud DUTRA et al., 2023, p. 106).

Vocabulário em Contraste (Alguns Exemplos)	
Rio de Janeiro	Macapá
Marimbondo	Caba
Lagartixa	Osga
Carne seca	Charque
Carne moída	Picadinho
Aipim	Macaxeira
Cortinado	Mosquiteiro
Peneira	Crivo
Desde pequeno	Desde <i>gito</i>
Pique-pega	Pira-pega

Figura 6. Quadro de vocabulário. Fonte: Acervo pessoal.

E entre não vivenciar com muita frequência o cotidiano no Rio de Janeiro (dado especialmente em visitas esporádicas) e não me agrupar efetivamente em solo amapaense, esse lugar flutuante me marcou como uma cicatriz.

Quanto ao entendimento de apego, foi possível compreender, a partir de uma visão da psicologia, que o apego está associado aos aspectos sociais e afetivos das pessoas em relação a um ambiente, mesmo que não ocorra de imediato uma associação com o local. Desta forma, uma proximidade com determinado espaço não é necessariamente se apropriar do mesmo, ou construir algo nesse lugar, mas sim criar uma ação de aceitação de sua diversidade. (DUTRA et al., 2023, p. 118).

Justamente nessa dimensão fui atravessada na conversa com *Guilhermina*. Ao ouvir aquelas lembranças de uma infância vivida nas ruas da cidade pequena, o contato com a terra, o acesso à tantas águas, me fez desejar voltar às minhas lembranças e pegar emprestado aquela poética partilhada de forma tão generosa. Questões não tão recentes afloradas em monólogos solitários abriam espaço a conversas francas. Neste processo de engendrar a emersão de memórias entre corporalidade e afetividade fui me aproximando à compreensão de que:

A experiência vívida, as representações atribuídas a determinado lugar, os elementos nele presentes, consolidam uma relação de afetividade do homem com o ambiente onde habita. Tal afetividade se constrói exatamente por meio das experiências vivenciadas pelos seres humanos no lugar e tal sentimento busca ficar cada vez mais forte à medida que a relação vai se tornando mais duradoura e dotada de conhecimentos e sentimentos. (SANTOS; LIMA, 2020, p. 280-281).

Experenciar tais aspectos mediada por uma outra pessoa (em um contexto não formal) expande a ideia insuficiente sobre o alcance do conhecimento dado e medido nos limites das paredes das salas de aula, expande a noção sobre ensinar e aprender, flexibiliza papéis, amplia a visão de unidade no singular e a movimenta em conexões coletivas e colaborativas.

4 CAMINHO METODOLÓGICO

Para esta monografia a escolha metodológica mirou como suporte a pesquisa qualitativa, tendo como abordagem a pesquisa narrativa/(auto)biográfica. Por se tratar de trabalho permeado e inspirado a partir de subjetividades e humanidades, qual permite o campo da educação em arte, era imprescindível uma metodologia menos engessada, bem descrita por Gray:

A pesquisa qualitativa é altamente contextual, sendo coletada em um contexto natural, da 'vida real', muitas vezes no decorrer de longos períodos. [...] Nesse tipo de pesquisa a adoção de estratégias e métodos de coleta de dados tende a ser altamente flexíveis. [Possibilitando] combinar, frequentemente, várias estratégias e métodos dentro de um desenho de pesquisa. (2012, p. 136-137)

Já a apropriação do recurso metodológico dado pela abordagem narrativa (auto)biográfica está ancorada no fator que a caracteriza “como fonte de investigação e método de pesquisa [que] assenta-se no pressuposto do reconhecimento da legitimidade[...] [dos indivíduos] enquanto sujeitos de direitos, capazes de narrar sua própria história e de refletir sobre ela” (PASSEGGI; NASCIMENTO; OLIVEIRA apud ARAÚJO, 2022, p. 32), sugerindo uma perspectiva mais próxima de um aprendizado viabilizado pelo protagonismo e autonomia.

Estimular um processo de autoconhecimento que, apesar da etimologia da palavra, se faz, no mundo real, também de maneira coletiva, tais como noção do lugar de origem geográfica e afetiva, aceitação do corpo e bem estar numa sociedade qual “a busca da felicidade se abriga sob a égide da intervenção técnica, do medicamento, das próteses químicas” (LIPOVETSKY, 2007, p. 57), acionar a (auto)biografia (por histórias de vida), como pesquisadora e nas vésperas de

conduzir um papel docente, me permite nesta via de estudo aplicar uma metodologia que:

Adota uma tradição de pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e integrado, em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento. (ABRAHÃO, 2003, p. 80)

A memória existe pela visualidade que extrapola a materialidade, ora, se extrapola a materialidade, o exercício de materializá-la se constitui por número incontável de possibilidades criativas, imaginativas, metafóricas, sensíveis, plurais, acessadas em versões singulares e/ou coletivas. Gray (2012, p. 25) aponta que "A noção de sentido é central ao comportamento humano. A produção de sentido e interpretação. [Dessa forma,] os sentidos não são fixos nem estáveis, e sim revisados com base na experiência". Ao dar sentido às vivências inicia-se um processo potente de compreensão de si próprio, assim como expande e refina o olhar sobre as relações sociais e suas entrelinhas.

Privilegiar e incentivar o emprego da memória nas práticas da educação de arte distancia a mentalidade de um ensino condicionado a repetições e sem conexão com a realidade do aluno (e mesmo do professor) e abre caminho em direção à uma experiência mais orgânica, sensível, receptiva aos afetos. Ainda viabiliza a perspectiva de autoconhecimento e auto apreciação, ao entender relevante sua própria história de vida. Dessa forma, a pesquisa narrativa e (auto)biográfica nos encaminha a "identificar, documentar, tornar visíveis e publicamente disponíveis a diversidade de significados humanos para dar conta do vivido, do experimentado e do representado, e a multiplicidade de projetos de vida" (MARTINS; TOURINHO; SOUZA, 2017, p. 11).

Após o encontro com *Guilhermina*, frente ao impacto sentido por mim, presumi naquela vivência, combinada com minha história, caminhos relativos à arte e à educação potencialmente válidos. A visualidade literal das cicatrizes associadas às subjetividades do *narrar*, perpassadas por múltiplos discursos de fonte igualmente plural, configuravam repertório a ser investigado, visto minha própria experiência sensível ao perceber pontos de identificação mesmo em camadas tão heterogêneas. Logo mais entrei em contato com *Guilhermina* convidando-a a participar de minha pesquisa como instrumento orgânico de estudo. Não tratava apenas dela, ou apenas

de mim, mas como a fala e a escuta se interseccionaram e elevaram temas relevantes ao Ensino de Arte: corpo, memória, lugar. Consciente de que “as narrativas não copiam a realidade do mundo fora delas: elas propõem representações/interpretações particulares do mundo” (ABRAHÃO, 2003, p. 93), projetei determinados dispositivos objetivando estruturar meu processo: pesquisa bibliográfica, relatos de vida, entrevista narrativa, interpretação de dados, fotografia, em ordem flexibilizada, tal que “a pesquisa exige o rigor da compreensão, mas isto não significa rigidez e inflexibilidade [...]” (SOUZA; OLIVEIRA, 2016, p. 184).

A escolha da entrevista narrativa também está atrelada ao aspecto fluido e mais flexível pretendido pela pesquisa pelos fatores descritos a seguir:

Em primeiro lugar, a narrativa assume certo caráter de independência durante seu relato. Em segundo lugar, “as pessoas ‘sabem’ e são capazes de apresentar muito mais sobre suas vidas do que aquilo que incorporam em suas teorias sobre si mesmas e sobre suas vidas. [...]” (Hermanns, 1995, p. 185). Por último, uma relação análoga entre a apresentação da narrativa e a experiência narrada pode ser presumida: “Na narrativa retrospectiva de experiências, os eventos da história de vida (sejam estas ações ou fenômenos naturais) são relatados, por princípio, na forma como foram vivenciados pelo narrador enquanto ator” (Schutze, 1976, p. 197). (FLICK, 2009, p. 167)

Já acordadas sobre a pesquisa iniciamos os encontros, que ocorreram em dias e horários disponibilizados pela colaboradora, não havendo uma delimitação de tempo para os encontros.

Ainda sobre os métodos, e antes de partir para os encontros propriamente ditos, retomo a leitura sobre entrevista narrativa na busca por possíveis esquematizações, aportes, alertas, cuidados.

A análise narrativa tende a usar a entrevista narrativa como método principal de coletas de dados, com um foco nas experiências biográficas do respondente. O foco de pesquisa da análise narrativa muitas vezes inclui questões que lidam com ambiguidades éticas, morais e culturais. (GRAY, 2012, p. 141)

Então estabeleci um breve roteiro-guia a fim de aprimorar as possibilidades de coleta de dados frente aos relatos:

1. Qual história/memória por trás dessa cicatriz?
2. Está confortável em relatar? (Em caso negativo não prosseguiríamos)
3. Qual idade aproximada? (Faixa etária, período escolar seriam auxiliares)
4. Qual local ocorreu o acontecimento?

5. É possível descrever o cenário?
6. Quais pessoas envolvidas na lembrança especificada?
7. Quais sensações emergem ao relatar tais lembranças?
8. Este relato traz atravessamentos difíceis ou desconfortáveis? (Em caso positivo uma pausa faz-se necessária ou mesmo uma interrupção)

4.1 Encontro primeiro (Data: 08.03.23; Duração: 1h; Local: Biblioteca UNIFAP)

Expus o planejamento: a proposta inicial consistia em pontuar as cicatrizes a serem relatadas, que seriam registradas no decorrer dos próximos encontros; produzir imagens fotográficas centradas nas cicatrizes numa espécie de metalinguagem (a visualidade através da visualidade), qual a colaboradora concordou, com a ressalva de não publicar algo que revelasse sua identidade. A pergunta nuclear para o desenvolvimento da entrevista narrativa era: Qual história/memória por trás dessa cicatriz? (cada uma especificamente) e como pontos condutores indiquei a possibilidade de partir do contexto qual o acontecimento esteve inserido, tais como lugar, personagens envolvidos, sensações. Na entrevista narrativa pode-se ponderar que “os entrevistados são considerados como especialistas e teóricos de si mesmo.” (FLICK, 2009, p. 165)

4.2 Encontro segundo (Data: 11.03.23; Duração: 2h30min; Local: Pç. Floriano Peixoto)

Levei um celular para captação de áudio e um caderno de anotações. O local foi escolhido por *Guilhermina* referido como *neutro*. No decorrer de sua fala, *Guilhermina* sinalizou duas preocupações: de que talvez estivesse retraída devido a situação de contar suas histórias sob minha presença/escuta atenta para registro de dados (vale ressaltar que nosso primeiro contato não envolveu a pesquisa, então a circunstância denotava descontração e espontaneidade); o método de contar várias histórias em um mesmo momento a estava colocando em dúvida sobre as lembranças relativas a cada cicatriz. Respeitando o que ouvi, encerrei a gravação de áudio. Juntas articulamos outras vias possíveis e que não se distanciassem da pesquisa. *Guilhermina* propôs fazer um desenho de seu corpo “mapeando” cada cicatriz (figura 7) a fim de nortear os relatos.

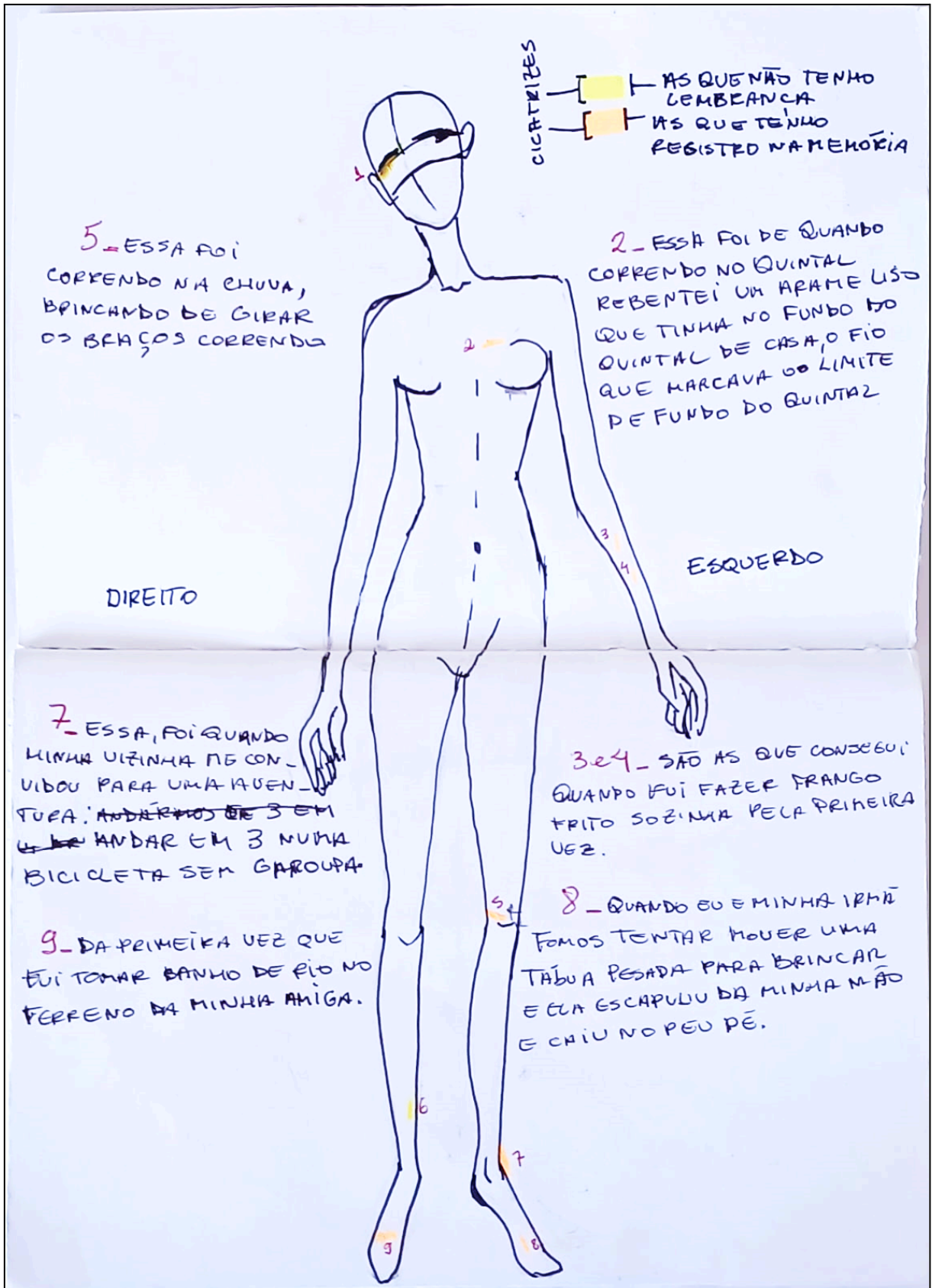


Figura 7. Mapa corporal, Macapá, 2023. Fonte: Caderno visual de campo.

4.3 Encontro terceiro (Data: 18.03.23; Duração: 2h; Local: Pç. Floriano Peixoto)

Com o desenho em mãos, vi breves anotações sobre as memórias das cicatrizes, indicando também as que lembrava da situação e as que não possuía registro na memória. Ainda com o desconforto da fala presencial não resolvido, sugeri que *Guilhermina* fizesse o exercício de rememorar gravando áudios no próprio celular em sua privacidade. Também incentivei que buscasse com sua mãe, vó e irmãs – pessoas mencionadas naquelas narrativas espontâneas – mais detalhes (essa sugestão parte da ideia de perceber os delineados diferenciados que cada pessoa tem sobre um mesmo episódio, e sobretudo do valor de histórias compartilhadas).

Esses delineados podem ser lidos em Abrahão, que na sua pesquisa sobre alguns educadores rio-grandenses relata a respeito do processo de rememoração de seus entrevistados:

Lembravam-se de fatos de sua formação inicial e do início da prática docente, mas tinham enorme dificuldade de narrar fatos mais adiantados no tempo ou deles simplesmente não lembravam. Mesmo quando se utilizavam técnicas como a visualização de fotos da época em questão, o avivamento da memória era inócuo ou pouco expressivo. Nesse caso, a narrativa de alunos e de parentes mais jovens auxiliava sobremaneira no preenchimento de lacunas. (2003, p. 89)

O caso relatado trata de pessoas com idade avançada, o que difere da presente pesquisa, no entanto faço um paralelo invertendo a linha do tempo considerando que as memórias aqui trazidas dizem especialmente da infância, ou seja, também afastadas do presente.

4.4 Encontro quarto (Data: 22.03.23; Duração: 1h; Local: *Google Meet*)

Aqui nos conectamos com uma característica enfática da contemporaneidade: o não presencial. Por um imprevisto, *Guilhermina* saiu de Macapá e retornou para sua cidade no interior do estado, onde permaneceu por um período. Pretendendo não estancar a pesquisa seguimos com o encontro de forma remota. Sobre essa perspectiva de trabalho, Flick aponta que:

A entrevista *online* pode ser organizada em uma forma síncrona [**como na pesquisa em questão**], que significa que o pesquisador entra em contato com seu participante em uma sala de bate-papo (chat) [**Google Meet**], na qual pode trocar diretamente perguntas e respostas enquanto ambos estão *online* ao mesmo tempo. Isso fica muito próximo da troca verbal em uma entrevista cara a cara. (2009, p. 241)

Concomitantemente, pensando pelo aspecto da educação, ligada diretamente com minha formação e que permeia intimamente os trajetos da pesquisa, “as tecnologias digitais configuram novas dinâmicas para o ensino e a aprendizagem, em que o espaço físico de sala de aula é ampliado e a interação [...] é possibilitada de diferentes formas” (KENSKI apud COSTA FILHO, 2022, p. 36), providencial visto que a conduta antes planejada não mais seria possível e pelo empenho em aceitar a fluidez dos processos.

4.5 Encontro quinto (Data: 24.03.23; Duração: 1h; Local: *Google Meet*)

Sem previsão de retorno, entendi que as imagens fotográficas não seriam mais possíveis. Na ocasião em que *Guilhermina* me mostrou o Mapa Corporal, não pude deixar de perceber o capricho do suporte: ela produziu um pequeno caderno com folhas de papel costuradas com linha e com pequena aplicação de tecido. Então propus que ela adicionasse nas folhas seguintes imagens que remetessem às lembranças já registradas em áudio. Ela concordou e decidiu por utilizar como linguagem o desenho.

4.6 Encontro sexto (Data: 21.04.23; Duração: 2h; Local: residência da colaboradora)

Guilhermina retorna à Macapá. Marcamos de nos encontrar e ela me entregaria o caderno com os desenhos. Nossos encontros no quadro geral, presencial ou remoto, se caracterizavam por longas conversas desdobradas pelos relatos, arte, lembranças, educação. Entrementes, *Guilhermina* lembrou de mais duas cicatrizes e começou a desenhar ali mesmo na minha frente. Este episódio me trouxe mais segurança do trabalho que estava sendo desenvolvido e me indicou que a confiança estava se estabelecendo de forma recíproca. Conforme apontam

Bogdan e Biklen (2003, p. 128-129): “Se conduzir a sua investigação de uma forma sistemática e rigorosa e se desenvolver confiança, ser-lhe-ão fornecidas informações e opiniões que nem mesmo os intervenientes conhecem”.

Em determinadas ocasiões me percebia preocupada. Ouvir histórias está no meu encantamento descrito anteriormente, porém meu interesse não deveria de forma alguma invadir o espaço daquela pessoa. Desta forma, estive atenta ao seguinte direcionamento enquanto pesquisadora: “Parte do sucesso provém de não se ser perturbador. Assegure-lhes **[colaboradores]** que não irá fazer exigências excessivas e que se esforçará por ser sensível aos seus problemas e às suas exigências (BOGDAN; BIKLEN, 2003, p. 119). Um momento, no entanto, foi afastando essa preocupação, chegando ao final dos encontros agendados, *Guilhermina* compartilhou comigo suas impressões, sensações durante o processo: muitas memórias trazidas em favor da pesquisa estavam adormecidas, e no lugar das lembranças mais vívidas, atreladas a abalos (as cicatrizes emocionais), aquelas recordações jocosas da infância foram emergindo e “aquecendo o coração”; morando em Macapá sozinha, afastada do núcleo familiar mais próximo (de sua cidade natal), o exercício de rememorar com o auxílio da mãe e de uma irmã viabilizou um reencontro; ainda no ambiente familiar lembrou-se como iniciou a produzir desenhos, sua mãe era professora na educação infantil e contava com a ajuda dos desenhos de *Guilhermina* na alfabetização de seus alunos.

Tendo em vista o extenso material somado a seus desdobramentos, para a presente monografia elegi seis desenhos de modo a abordar temas específicos e considerando que outros tratavam talvez de assunto sensível e/ou familiar.

Ao narrar, evocamos a memória que nos traz lembranças, entretanto o ato de lembrar se diferencia do ato de narrar. Quando lembramos os acontecimentos de nossa vida, através da memória, permitimos que as lembranças nos cheguem com os mais variados detalhes. Ao narrar o que a memória lembrou, selecionamos aquilo que queremos dizer, desvelamos e revelamos no discurso, apenas o que desejamos que o outro saiba, de forma sutil vamos permitindo o que para nós é possível. (SOUZA; OLIVEIRA, 2016, p. 194)

A seguir discorro sobre as categorias: memória, corpo e lugar – surgidas através da intersecção entre os relatos sobre as cicatrizes da colaboradora com as minhas histórias de vida, afetos e saberes colocados em perspectiva de um pensar numa docência sensível. O fio condutor artístico é o desenho como forma de livre

expressão, no sentido de não haver por parte desta pesquisadora sugestão de signos, estilo, símbolos, cores, etc. Por outro lado, o enredo preconiza conectar a materialidade registrada na pele com a ideia da cicatriz como evidência de vivências, num percurso de apreciação da experiência.

5 DUAS PROFESSORAS, DUAS ALUNAS

Esta seção existe em uma proposição expressa de explorar nas artes e seu ensino um de seus caracteres mais notórios que habita no exercício da reflexividade. Agregar experiências, afetos e imagens já que estas relações “possibilitam pensar sobre como objetos, imagens, outros corpos e situações podem afetar o corpo e também sobre como impressões, marcas, imagens, imaginações, ideias – emergidas dessas interações” (BERTÉ, 2015, p. 76) germinam em indivíduos mais conscientes de si, de seus papéis em tramas sociais, conseqüentemente, aptos a promover deslocamentos e novos olhares.

O título em si denuncia elevado apreço no que tange a pesquisa e a vontade da prática de Ensino de Artes pautado na constante mutuação, nas alternâncias, no poder narrar, falar de si, na escuta, no desenrolar de aspectos inesperados, no aprofundamento das expressões.

5.1 Memória

Convidada à uma vivência que não experimentei enxergo a oportunidade de compartilhar universos e entendo e desejo como exercício da alteridade e empatia. Mesmo não me reconhecendo amplamente em cada história, posso, em momentos mais discretos, identificar similaridades que não são dadas por experiência, mas pelo sentir, pela afetação. E documentar viabiliza, mesmo que em termos limitados, a identificação e relação com outras pessoas.

Eu gosto de lembrar dessa porque foi muito engraçada! Era prima de uma colega, vizinha minha, logo quando a gente mudou da casa da minha avó pra casa da minha mãe. Eu não lembro quantos anos eu tinha, mas já era maiorzinha. Ela queria que eu fosse com ela. Acho que a nossa emoção era andar de bicicleta pela cidade por lugares que não era do nosso hábito. 'Ah, vamos lá em cima'... Que é a parte do início da cidade, e um pouquinho longe para ir andando, mas a gente ia de bicicleta, só pra dar a volta na rua mesmo. Eu falei assim 'não', que pra mim era uma coisa muito, muito proibida andar sozinha por outras ruas que não a de casa, ou de perto. Ela falou assim... 'Não, bora lá, **tá comigo tá com Deus!**'. Foi a primeira vez que eu ouvi essa frase. A gente tá bem na rua do meio, e a maluca em alta velocidade e me carregando do guidão da bicicleta... Do nada vem uma caminhonete na nossa frente em alta velocidade e vira a mão contrária. Só

que ela vem com tanta velocidade que a gente fica com medo. É justamente na hora que tem uma velhinha na nossa frente... como ela ficou com medo da caminhonete atropelar a gente e a gente morrer, não deu tempo de jogar pra beira porque tinha um desnível. A gente ia é se lascar mais. E aí ela entrou com a bicicleta nas costas da velhinha com guarda-chuva e tudo! A gente se levantou muito nervosa rindo, sem saber se ria ou ficava com medo... Depois a gente saiu chunelada (*apressadamente*) na bicicleta porque a velhinha era mãe de um professor nosso. Ninguém nunca soube por que que a gente se ralou, só que a gente caiu. (Figura 8)



Figura 8. Cicatriz 7, Macapá, 2023. Fonte: Caderno visual de campo.

Este relato vem acompanhado de muitos sorrisos, o destaque é inclinado à situação, não à dor ou a cicatriz propriamente dita, como a poética da infância. Ao retornar à esta infância ressignificada existe um frescor, aliado à uma prática tão característica do ensino infantil: o desenho. *Guilhermina* como artista formada, praticante das técnicas do desenho e da pintura, consegue se desprender da formalidade e executar uma expressão mais livre e despreocupada ao exercitar a memória. Sobre a prática para a criança:

Desenhando ela estabelece relações do seu mundo interior e exterior, adquire e reformula seus conceitos e aprimora suas capacidades, envolvendo-se afetivamente, convivendo socialmente e operando mentalmente, rumo a um desenvolvimento sadio do intelecto e das emoções." (HANAUER, 2013, p.81)

De fato, desenvolver já na infância as potencialidades da arte para formação do indivíduo aponta frutos positivos. Em minha pesquisa pude vivenciar e participar da prática sob outra perspectiva: de uma pessoa adulta, no processo de rememorar

episódios da infância, utilizar como condutor o desenho. Se existe a preocupação com o desenvolver intelectual e emocional da criança, para pessoas em outras fases da vida tal determinação não pode (ou não deveria) expirar, considerando o ser humano pela ótica da constante transformação, e em uma visão otimista, aprimoramento.

Em contraponto à atmosfera do relato anterior, o próximo revela uma memória da relação entre criança e medo. Diferente do que se possa esperar, não trata do medo relacionado a imaginações ou fantasias, tão comuns num universo fantástico infantil, diz, no entanto, pautado na experiência, na assimilação através do corpo, do registro na pele. Lembrança mediada pela feitura de mais um desenho como objeto de rememoração.

Tenho mais 3 cicatrizes que são: duas no joelho esquerdo bem pequenininhas e no braço esquerdo também, perto do cotovelo. Essa eu lembro que é do ventiladorzinho que tinha em casa. Um ventilador velhinho que já não tinha mais aquelas telinhas de proteção e ficava a palheta exposta, era de plástico só que tinha uma pontinha muito fina. E aí quando ligava, né, ficava com medo do ventilador, de dormir e bater nele. Eu lembro que eu fui levantar (*sobre a cicatriz no joelho*) ... das duas vezes que eu fui levantar em dias diferentes, e bateu no meu joelho e onde bate fura porque é muito forte. Quando eu furei essas duas vezes fiquei com medo do ventilador. Depois, dormindo, esqueci do ventilador e ele bateu bem aqui no braço (*mostrando o local*). Foi quando eu fiquei com muito medo desse ventilador e não queria mais dormir com ele. (Figura 9)

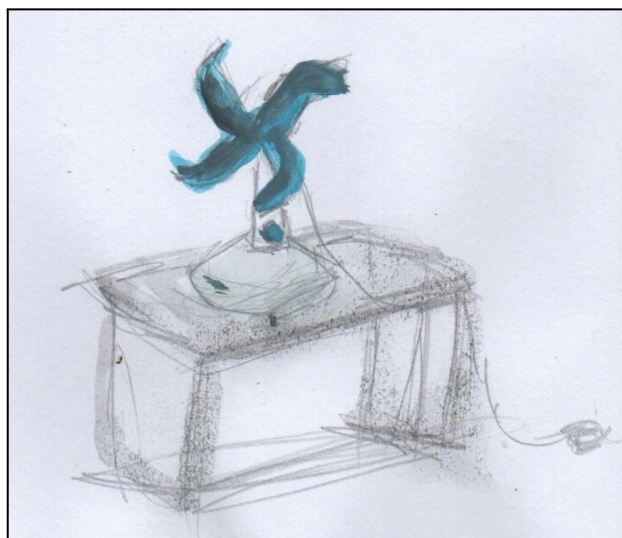


Figura 9. Ventilador Azul, Macapá, 2023. Fonte: Caderno visual de campo.

Ao refletir e sentir sobre as entrelinhas deste relato é possível sugerir temas debatíveis, porém, me atendo ao escopo da pesquisa, levanto o papel singular do espaço da sala de aula na figura do docente que tem como empreitada uma educação sensível, em dialogar com o cotidiano do alunado de forma contundente ao criar campo fértil e seguro aberto à narrativas, justo que:

[...] possibilita ao sujeito aprender pela experiência, através de recordações-referências circunscritas no percurso da vida, e permite entrar em contato com sentimentos, lembranças e subjetividades marcadas nas aprendizagens experienciais. O mergulho interior possibilita ao sujeito construir sentido para a sua narrativa, através das associações livres do processo de evocação, num plano psicossomático, com base em experiências e aprendizagens construídas ao longo da vida. (SOUZA, 2007, p. 18)

Por este prisma, entendo possível, instigante e significativo práticas educativas quais avaliem relevantes nuances como as descritas através do exercício proposto na pesquisa de modo que o aluno possa ser percebido diante de seus contornos, não como um pequeno robô exigido a corresponder positivamente a quaisquer estímulos numa aula que não o reconhece.

5.2 Corpo

Essa cicatriz que fica do meu lado esquerdo, embaixo do meu seio, lembro exatamente a roupa que eu estava, uma blusa que adorava, que tinha uma malha bem grossa e a minha salvação que eu estava com ela, ficava bem certinho em mim. Eu já tinha parado de brincar. Já não brincava mais na rua com os meninos, porque eu estava virando mocinha (...) aí tinha vergonha de ficar brincando na rua. Ainda não tinha menstruado, mas quase! Aí o Amigo-X falou 'bora brincar?', bora! Fui brincar depois de muito tempo. A bola caiu para trás da escolinha da pastoral. E a escolinha da pastoral tinha no muro uns ferros assim (*gesticulando no sentido vertical*) e era muito afiado. Quando eu vou andando pelo muro pra pegar lá atrás a bola, eu escorrego. Estava liso o muro, cheio de limo, e eu estava de sandália e escorreguei. Quando eu escorreguei o ferro entrou - pra não entrar mais enfiei minha mão e peguei no ferro. Se tivesse escorregado mais tinha passado do lado pro outro, tinha feito tipo um espeto! Ninguém viu! Parei de brincar na hora e fui me embora, nunca mais quis brincar! Não contei pra ninguém que tinha me machucado. Só disse 'não quero mais brincar' e fui embora. Não contei para ninguém e fiquei com o machucado. Nem sei, acho que passei remédio. Porque no interior a gente é bem virado quando é moleque, principalmente quando a gente faz besteira. A gente sabe que fez besteira e procura resolver sozinho, entendeu?! Mas eu lembro exatamente a cor da blusa: terra de Siena queimada. Eu não sabia, agora eu sei (*sobre*

a cor especificamente). Eu adorava aquela blusa e eu fui brincar com ela... (Figura 10)



Figura 10. Blusa Siena, Macapá, 2023. Fonte: Caderno visual de campo.

Aqui a questão do corpo fica evidente no relato. Como meninas na adolescência compartilhamos de certas problemáticas que circundam essa fase. O desconforto com o próprio corpo, as mudanças que não parecem bem-vindas, a preocupação a respeito do olhar do outro. *Guilhermina* se achava muito magra, por isso o apreço por uma blusa que ficava “certinha”. Por algum tempo adquiri o hábito de andar com os braços cruzados pois considerava meus seios “grandes demais”. A experiência complexa no corpo feminino ecoando desde tão cedo.

Ainda sobre este relato ressalto a expressão artística como potente e enriquecedor instrumento ao viabilizar contornos mais evidentes em memórias antigas, quais os detalhes tendem a desvanecer com o tempo. Permite sobretudo percepção aguçada através da sensibilidade.

Dispor deste exercício da (auto)biografia com histórias de vida é igualmente “ponderar que essas escritas também se revelam como um inusitado caminhar para o conhecimento de si, e por isso o sujeito que delas resulta é um ser mais consciente de si e de sua historicidade” (PASSEGGI, 2017, p. 102).

Esta trajetória que projeta o autoconhecimento vincula-se estreitamente com o olhar atento e investigador das próprias experiências sentidas e atravessadas pelo corpo, seja do que aqui chamo de forma objetiva (como as cicatrizes), seja de forma subjetiva (como as percepções sobre um acontecimento). Um processo investigativo quando partido de si próprio transforma-se em especial aliado na concepção de uma

educação mais assentada na realidade do indivíduo e seu contexto, ao elaborar uma produção de conhecimento repleta de sentidos. Localizar seu papel na coletividade é também reconhecer os engenhos socioculturais atribuídos ao corpo/comportamento (mulher, homem, feminilidade, masculinidade, etnia, cor de pele, orientação sexual, conformidade com padrão estético imposto, etc.) oportunizando questionamentos e debates, em vias de quem sabe, transformá-los, ressignificá-los.

A pesquisa, por sua vez, não pretende se ater necessariamente à ideia de uma ilustração fiel e detalhada das cenas, entretanto, dispor de um veículo visual que conduza e/ou auxilie os olhos ao encontro com as lembranças, buscando na memória a maior possibilidade de elementos para se narrar uma história pescada na própria trajetória.

Essa aqui já tenho uma lembrança bem mais limpa porque são duas cicatrizes que foram no mesmo dia, de quando eu fui fazer frango frito. Acho que não só fazer frango frito, acho que cortei pela primeira vez um frango, sozinha, pra fritar. Eu não sabia que a pele espirrava e começou a espirrar e estourou tudo na minha frente. Aí eu coloquei o braço pra não dar no meu rosto. O complemento dessa cicatriz é mais do que fritar o frango mesmo, porque eu lembro de que muita coisa de casa, assim, de comida, tive que aprender sozinha, no rumo mesmo. Então, acho que esse dia do frango me lembra muito disso: de que era só dizer 'vai lá e faz', ninguém me dizia assim 'olha, assim, assim, assim'. É vai lá e faz, e eu quero pronto. Lembro que nesse dia eu fui me virar e é isso dessa cicatriz... Dessas duas, na verdade. (Figura 11)

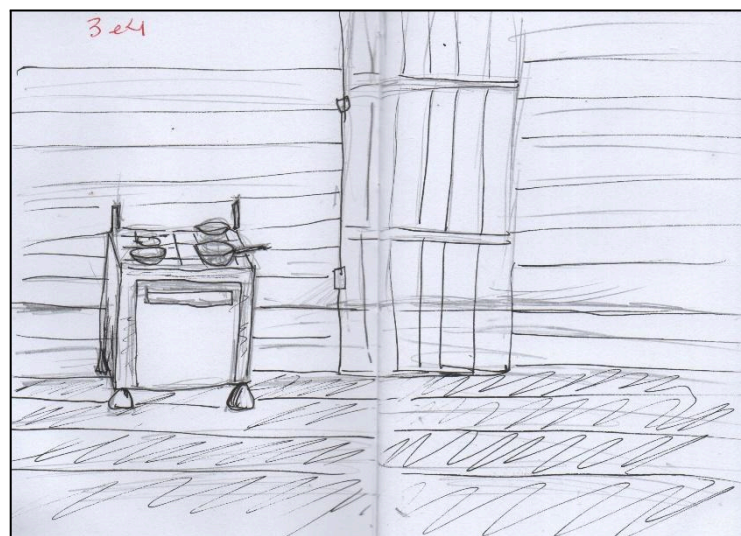


Figura 11. Cicatriz 3 e 4, Macapá, 2023. Fonte: Caderno visual de campo.

Retomando aspectos do fator feminino neste novo relato, sob o enfoque predisposto na dimensão da dinâmica social qual estamos inseridas, é possível

supor, ou só a descrição da situação tendência compreender que a personagem central é uma pessoa do gênero feminino. Mesmo que esta informação seja revelada hipoteticamente, existe uma menor possibilidade de que tratasse de figura masculina, se considerarmos que os papéis e tarefas delegados às meninas já são praticados muito cedo, traçados ainda no interior dos ajustes familiares, como os cuidados com a casa e toda a complexidade envolvida – que se dissecada em suas minúcias, desdobramentos e subterfúgios resultaria em outro processo de pesquisa.

Nenhum corpo é vazio. Menezes (2007, p. 26) aponta que “as práticas educativas, os processos pedagógicos, estão presentes também fora da escola; que boa parte da formação é autoformação e que é no entrar e sair da escola, no diálogo com formas não sistematizadas de aprender, que o saber se constrói”. Chegamos todos em salas de aula carregados de história, memória, vivências, tão logo, saberes, sem muitas vezes entendê-los valiosos e válidos. Quadro favorável ao Ensino de Artes que preza e se compromete com a construção e desenvolvimento de uma educação pautada nos afetos, nas poéticas cotidianas, na reflexividade e na criticidade.

5.3 Lugar

Existe uma tentativa, sendo um trabalho acadêmico, de dispor de categorias a serem abordadas, indicando um direcionamento e informando os temas. De qualquer forma, fica evidenciado nos relatos, de maneira explícita ou na sutileza das entrelinhas, o enlace das dimensões, como o seguinte:

Acho que eu já tinha o quê? 13 anos. O meu hábito era mais de ir pra escola mesmo, de casa pra escola, da escola pra casa. Lembro que eu tinha uma colega na escola, eu ajudava muito ela a resolver os trabalhos de matemática, essas coisas que ela não entendia muito bem. Aí ela me convidou pra ir pro terreno dos pais dela, tomar banho de rio e passar o fim de uma tarde. A gente foi pra beira do rio e almoçou. Eu já sabia nadar direitinho, fui mergulhar e não vi que tinha um galho seco apontado. Na hora que eu pulo na água só a pontinha do galho pegou certinho no meu pé e fez um risco que até hoje eu tenho a marca. Foi a primeira vez que eu fui ao terreno dos pais dela. Foi a primeira vez também que lembro de ter tomado banho de biquíni sem a parte de baixo, sem o short. Nunca tomei banho só de biquíni, eu tinha muita vergonha do meu corpo. Acho que no meu caso era mais de sentir meu corpo muito à mostra. (Figura 12)

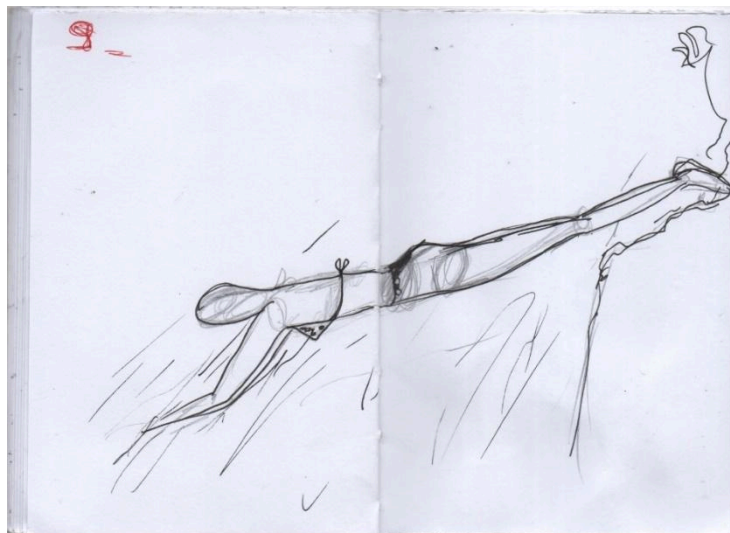


Figura 12. Cicatriz 9, Macapá, 2023. Fonte: Caderno visual de campo.

Novamente o aspecto do corpo se mostra presente. Como *Guilhermina*, numa preocupação com a superexposição combinada com muita timidez, usei por bastante tempo apenas maiô. Parecia a escolha mais segura. No entanto, este relato me transporta para outros lugares.

No meu processo de cicatrizar, fazer as pazes com meu lugar de vivência foi primordial. Escutar sobre essa adolescência partilhada com amigos em reuniões em torno de comida simples e envolvendo banhos de rio ou balneários me levou à uma viagem necessária. Vivendo em Macapá tive contato e participação ativa nas atividades da Igreja Católica (figura 13).



Figura 13. Cartão manual guardado por minha mãe. Macapá, 1996. Fonte: Acervo familiar.

Meu ciclo de amigos era majoritariamente de pessoas que frequentavam o mesmo lugar: Igreja (e não raramente, escola). As atividades eram variadas: leituras na missa, coroação, arrecadação de mantimentos, doações, brinquedoteca, retiros.

Além de tudo isso, era comum organizarem passeios de confraternização e envolvia aquele mesmo tipo de cenário descrito pela colaboradora sobre a cicatriz/experiência em questão. Boas lembranças que por algum tempo eu simplesmente não conseguia acessar.

O lugar como experiência caracteriza-se principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao ambiente. Relações estas que são o aporte para a afetividade construída por determinadas experiências. Nesta linha de raciocínio, o lugar é resultado de significados construídos pela experiência, ou seja, trata-se de referenciais afetivos desenvolvidos ao longo de nossas vidas. (GIOMETTI; PITTON; ORTIZOGA, 2012, apud SANTOS; LIMA, 2020, p. 277).

Criou-se, então, uma metáfora entre professora e aluna, não por um lugar percebido próximo à hierarquia, entretanto, ligado à alternância e flexibilidade de papéis, num movimento multilateral interessado no estímulo ao conhecimento e à construção identitária. O alargamento de fronteiras permitiu ainda que eu experimentasse a ideia de pertencimento, qual Santos e Lima (2020, p. 283) descrevem como:

A sensação que o homem faz parte do lugar e que o lugar é um quebra-cabeça, a qual ele é uma peça que possui uma dada contribuição. Nessa relação afetiva, a construção do sentimento de afetividade possui uma relação ao período em que o homem se encontra inserido em um determinado lugar.

O exercício de escuta na sala de aula é igualmente um espaço aberto à fala, ao desenvolvimento do indivíduo sem apartar da ideia de coletividade e de produções colaborativas, neste contexto “os artefatos e narrativas visuais adquirem papel significativo como um modo de apreender e valorizar outros olhares, ou seja, o olhar local, a perspectiva de um grupo, de uma classe, de uma cultura particular” (MARTINS, 2016, p. 23). Movimento que se estende aos núcleos extraescolares, extra formais, extrapolando o universo da formação acadêmica/profissional, em direção à formação enquanto indivíduo sensível, criativo, social e político.

Lembro que essa cicatriz... Tinha ido tomar banho na chuva, correr na rua... Lembro que a casa da minha vó fica bem perto da esquina, mas essa rua não era asfaltada, era de chão mesmo, e aí quando chovia a água descia e a gente ia brincar lá na esquina que tinha comércinho. E nesse comércinho tinha uma calha que era um cano de ferro. Quando chovia a água caía bem forte: era um lugar bacana pra tomar banho. Não lembro se a minha irmã

menor estava, não lembro quem estava comigo. Sei que a gente estava tomando banho lá na biqueira – que a gente chamava de biqueira – brincando de subir, de ir até em cima da rua e voltar até na frente da casa da minha avó correndo. Numa dessas corridas a gente estava brincando de girar um braço... e era divertido girar o braço correndo na chuva, né?! descendo a ladeira. Fui tentar fazer uma coisa que eu não tinha feito e não sabia, que era girar os dois braços correndo... tinha visto os meus coleguinhas girarem os dois e sair correndo e eu fui tentar fazer a mesma coisa. Quando eu estava girando um e fui colocar o outro braço pra girar eu me desequilibrei e caí com o joelho na pedra, eu acho. Não consigo lembrar direito onde foi que eu caí. Mas eu acho que foi nessa hora brincando que eu caí, como era piçarra, chão mesmo, não tinha asfalto, cortei o joelho. (Figura 14)

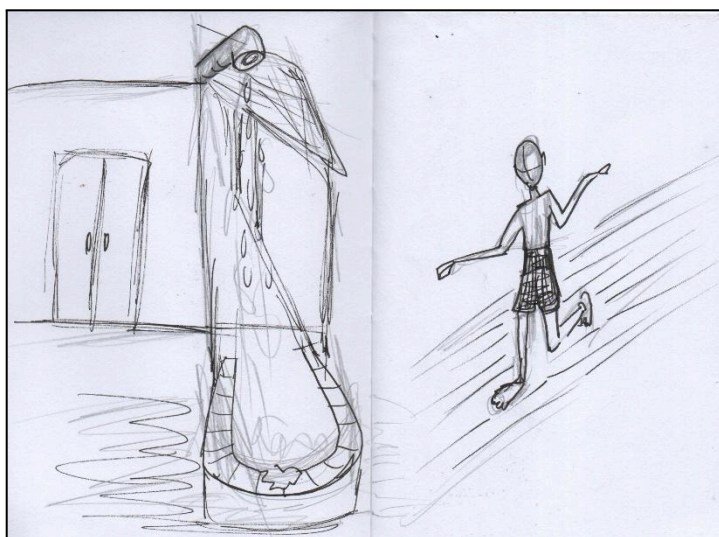


Figura 14. Cicatriz 5, Macapá, 2023. Fonte: Caderno visual de campo.

Uma das provocações dadas para a coleta de dados a partir das entrevistas narrativas era de que pudesse descrever o cenário em que a cicatriz ocorreu. Neste relato a lembrança proseia de uma infância simples, num lugar onde se pode correr sem grandes preocupações, pés no chão, banho de chuva, ar livre. Não sugere a descrição de uma área extremamente urbanizada, caótica, com congestionamentos de tráfego, ou algo do tipo. Conhecer e conectar este tipo de detalhes é também tratar de identidade regional em termos de tornar o ensino mais próximo e significativo.

Nesse ponto, encontramos duas facetas, a do lugar geográfico, lida como a mais imediata de se entender, e a da afetividade pela qual pode-se desenvolver o sentimento de pertencimento, tão relevante em processos de construção identitária.

Então, “A partir dessa memorização das vivências, ocorre um processo histórico e cultural, proporcionando às futuras gerações que virem a habitar no lugar, conhecer a história dele” (SANTOS; LIMA, 2020, p. 284) tal que mediada pelas práticas no Ensino de Artes conduz as relações de afetividade que nos conecta aos lugares na materialidade e fora dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao idealizar esta pesquisa pretendi conectar dimensões as quais já me prenunciavam tão intrinsecamente relacionadas: a pele, invólucro maior do corpo, receptora das primeiras sensações, da incrível capacidade do recuperar; o corpo que sente no toque da pele, se sente vive, se vive lembra; memória dada pelo corpo que vive, que experimenta, que desaba e recupera na metáfora da pele, se vive e experimenta, aprende! Estes aspectos percebidos pelo ângulo dado por meus estudos e aprendizados em Artes Visuais despertam potentes vias de debates, pesquisas e sobretudo no fazer docente – como almejo – que visa priorizar a propriedade mais manifesta na sala de aula: o encontro entre aluno e professor.

No percurso da pesquisa, eu, no papel de educadora/pesquisadora, tinha um planejamento, mas o processo de construção de conhecimento se dá, evidentemente, para além da programação engessada. Atentar às peculiaridades do desenvolvimento criativo e de rememoração de *Guilhermina* me deu a oportunidade de avaliar a importância nas relações recíprocas em sala de aula. Indicou ainda sobre a possibilidade de traçar novos rumos durante o decorrer da aprendizagem, sem entendê-los dramáticos ou prejudiciais.

Nos encontros as conversas sempre estavam em posição privilegiada, inferindo uma constância no aprender e no ensinar, posto que com títulos ou não, a existência de interação entre pessoas viabiliza tais alternâncias. Partindo do interesse em comum muito evidente: a arte, os desdobramentos foram múltiplos, renovando meu apreço pelo ensino nesse lugar do cotidiano, da proximidade, questionando conceitos absolutos, tão conectado a tudo que nos rodeia, tão disposto, disponível e agregador. Tão mais parecida com a arte que produzimos, reconhecemos, vivemos, sentimos. Por fim, da pesquisa reverbera a perspectiva de estimular e apreender fascinante o Ensino de Artes aliado a rumos maleáveis, à constatação do mérito no intercâmbio de percepções, à abertura às singularidades, poética que amplia seu fazer ultrapassando o tecnicismo pedagógico e a priorização de cânones.

Que referências vividas, memórias registradas na pele, cicatrizes que desvelam trajetos, percursos, imagens interseccionam e localizam o ser humano, o

gosto, a existência? Partir deste ângulo tinha de pronto a constatação de que qualquer pessoa pode se identificar com o tema visto que todo corpo carrega cicatrizes, sejam elas visíveis ou não. Entendê-las como portadoras de histórias de vida, é também conceber o indivíduo que carrega memória, historicidade, afetos, conteúdos interessantes ao Ensino de Artes voltado à docência sensível.

No progresso em torno da pesquisa, um tópico se apresentou em especial dificuldade de captura: a beleza da espontaneidade. Um relato não gravado, por vezes, pode carregar tão mais significado do que o registrado, porque trata apenas de conversa informal. Ao convertê-los em escrita e sistematização deixamos escapar saberes como o uso do pó de café para estancar o sangramento de uma ferida ou o auxílio da cebola e do alho para não inflamar um machucado mais profundo, aprendidos pela colaboradora com sua avó materna.

No entanto, os impasses na trajetória, as mudanças de percurso não me dizem de falhas em si, mas de um olhar revisitado ao entender a pesquisa como processo orgânico, vivo e dinâmico, receptivo a aprofundamentos futuros, desdobramentos em direção ao ensino preenchido de sentidos.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, ASPHE/Fa/UFPel, Pelotas, n. 14, p. 75-95, setembro/2003.

ARAÚJO, Pedro Simon Gonçalves. **Mediações entre imagens do corpo e da cidade: reflexões sobre práticas educativas no campo das artes**. 2022. CCXLIII, 245 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual), Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, 2022.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Prefácio de Ana Maria Haddad Baptista. - 2 ed - Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019.

BERNARDES, R. K. De rios e córregos que deságuam em narrativas autobiográficas: o ateliê de arte como espaço-tempo de caminhar para si. In: MIGNOT, Ana Chrystina; MORAES, Dislane Zerbinatti; MARTINS, Raimundo (org.). **Atos de biogr@far: narrativas digitais, história, literatura e artes**. - Curitiba: CRV, 2018. 294 p. (Coleção: Pesquisa (auto)biográfica, mobilidades, incertezas e refigurações identitárias. v. 2).

BERTÉ, O. Posicionamentos performativos na dança contempop: possibilidades para aprender, pesquisar e ensinar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Org.). **Educação da cultura visual: aprender...pesquisar...ensinar...** Santa Maria: Ed. UFSM, 2015.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. – São Paulo: Cortez, 2011.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução de Maria J. Alvarez; Sara B. dos Santos; Telmo M. Baptista. – Porto – Portugal: Porto Editora, 2003.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, ANPED, São Paulo, n.19, p. 20-28, jan/abr. 2002.

CARVALHO, Valéria Luzia Fernandes. **O desenho como forma de expressão no Ensino de Artes Visuais**. – 2015. 45 f.

COSTA FILHO, Roberto Barbosa. **Atividades de produção de textos na esfera acadêmica: abordagens de ensino e (re)contextualizações de práticas de letramento na situação emergencial de ensino remoto**. – Campina Grande, 2022.

DRUON, Maurice. **O menino do dedo verde**. Ilustração de Walter Lara; 120 ed. Tradução de D. Marcos Barbosa. - 120 ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

DUTRA, Carlos Antônio Furtado et al. O desenvolvimento do sentimento de pertencimento ao meio ambiente: estado da arte. **RAEGA - O Espaço Geográfico em Análise**, [S.l.], v. 56, p. 102-120, abr. 2023. ISSN 2177-2738.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**; tradução Joice Elias Costa. – 3.ed. – Porto Alegre : Artmed, 2009.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real** ; tradução: Roberto Cataldo Costa ; revisão técnica: Dirceu da Silva. - 2. ed. - Porto Alegre : Penso, 2012.

HANAUER, Fernanda. Riscos e Rabiscos – O Desenho na Educação Infantil. **PERSPECTIVA**, Erechim. v.37, n.140, p. 73-82, dezembro/2013.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**; tradução de Maria Lúcia Machado. - São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARTINS, Raimundo. Reflexões sobre Ensino de Arte, Visualidades e Cotidiano. **PARALELO 31**, v. 6, p. 10-25, 2016.

MARTINS, R. Notas sobre (auto)biografia, narrativas/imagens digitais e artes. In: MIGNOT, Ana Chrystina; MORAES, Dislane Zerbinatti; MARTINS, Raimundo (org.). **Atos de biogr@far: narrativas digitais, história, literatura e artes**. - Curitiba: CRV, 2018. 294 p. (Coleção: Pesquisa (auto)biográfica, mobilidades, incertezas e refigurações identitárias. v. 2).

MENEZES, Jaci M.F. Memórias e registros da escola e da não-escola. **Programa Salto para o Futuro - Série Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro : TVE Brasil, 2007. v. 1. p. 25-44.

PASSEGGI, M. C. Narrativas institucionais de si: a arte de enlaçar reflexão, razão e emoções. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de (organizadores). **Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. - Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2017.

RODRIGUES, Greice. A Arte Ajuda a Medicina. **ISTOÉ**. 08 de janeiro de 2010. Recuperado de: <http://istoe.com.br/38641_A+ARTE+AJUDA+A+MEDICINA/>. Acesso em: 10 de maio de 2023.

SANTOS, Jackson Sousa dos; LIMA, Tiago Caminha de. O elo entre a pessoa e o lugar: a afetividade, o sentimento de pertencimento e a memória dos moradores do povoado Baixão do Pará, município de Gonçalves Dias – MA. **Geografia: Publicações Avulsas**. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v.2, n. 1, p. 274-291, jan./jun. 2020.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (Org.). **Memória e Formação de Professores**. Salvador: EDUFBA, 2007, P.58-74.

SOUZA, Elizeu Clementino de; OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de. Pesquisa (Auto)Biográfica, Cultura e Cotidiano Escolar: Diálogos Teórico-Metodológicos. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 2 N. Especial, p. 182-203, 2016: "Vozes da Educação".